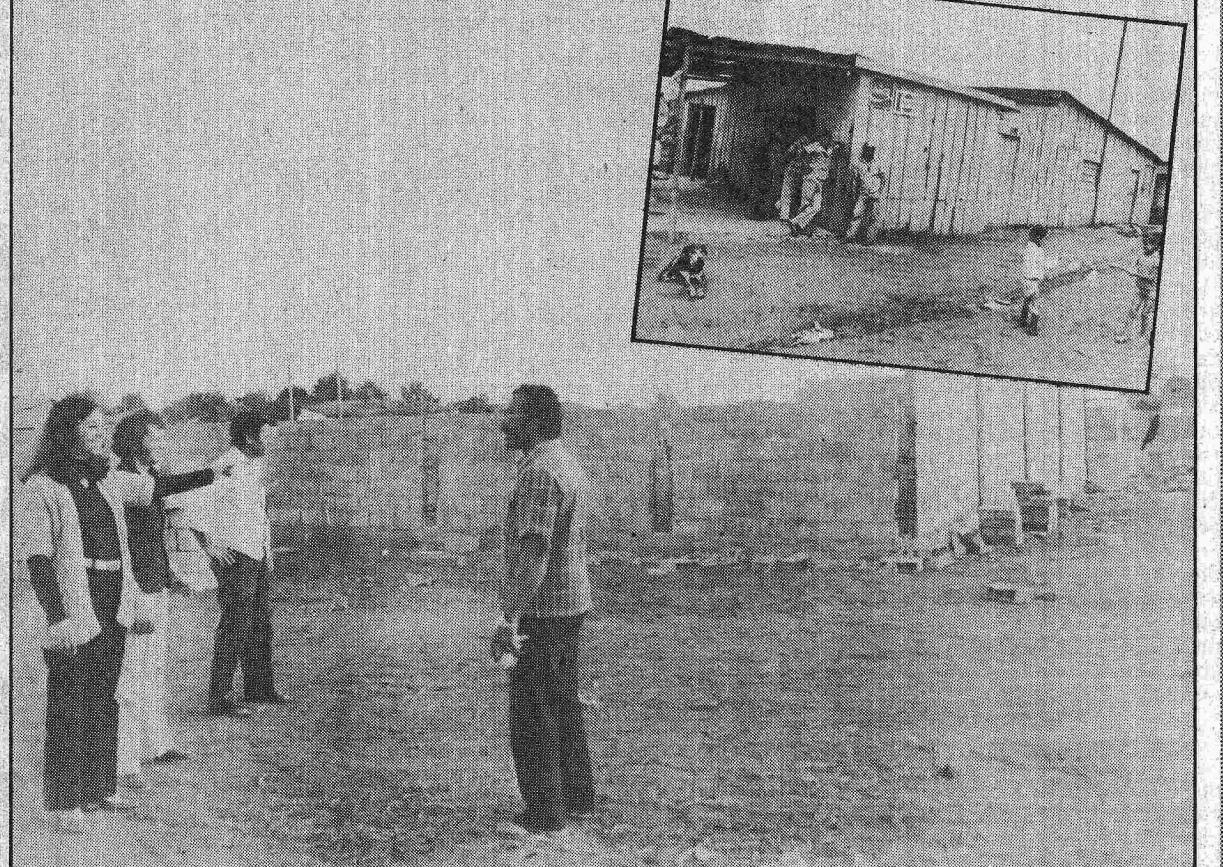


ADMINISTRADORA

ACUSA:

DF-Ceilândia



140

Maria de Lourdes comanda pessoalmente os trabalhos de obras na Ceilândia onde acha que vários erros impedem uma eficaz ação comunitária em favor dos moradores daquela satélite

Miséria concentrada

é o grave erro da Ceilândia

“O maior erro da Ceilândia foi concentrar uma população erradicada de várias invasões em uma única área a se dependesse de mim uma política de desfavelamento eu jamais optaria pela concentração da miséria, quando chegamos à conclusão de que se deve espalhar essa população por cidades que já contam com uma infra-estrutura urbana e social”. Assim a administradora da Ceilândia, Maria de Lourdes Abadia Bastos, se manifestou ontem a respeito dos inúmeros problemas que há nove anos enfrentam os moradores da Ceilândia, a segunda maior cidade-satélite do Distrito Federal e que abriga o maior número de famílias carentes.

Para Maria de Lourdes, que acompanhou, como assistente social, todo o trabalho de remoção de favelas para a Ceilândia em março de 1971, a construção indiscriminada de conjuntos habitacionais da SHIS na periferia daquela cidade só fez “atrapalhar e dificultar o real desenvolvimento do lugar”, aumentando-se assim, explica ela, os graves problemas existentes.

Ressalta a administradora da Ceilândia ser quase impossível atender às reivindicações de uma comunidade que, de um ano para outro cresce duas vezes mais, lembrando ela que no ano passado a Ceilândia contava com 180 mil habitantes, sendo que no momento a cidade é ocupada por mais de 320 mil pessoas.

— Isso — acentua Maria de Lourdes — são cálculos oficiais que consideram uma média de cinco pessoas por residência, o que nos cabe indagar qual a família da Ceilândia que conta apenas com três filhos.

CONDICÕES

Lembra a administradora da Ceilândia que se a cidade tivesse continuado com as 17 mil famílias do início de sua construção, verificando-se apenas o crescimento normal de qualquer grande centro, “as condições de vida hoje seriam bem melhor, pois a população pioneira deixou de receber muitas benfeitorias que tiveram que ser deslocadas para outros setores”.

Segundo Maria de Lourdes, a não integração dessa nova população da Ceilândia aos habitantes pioneiros é um outro problema que vem dificultando o desenvolvimento de uma ação comunitária que tem alcançado grande sucesso, frisou ela, entre os moradores da Ceilândia propriamente dita.

— A população desses conjuntos habitacionais da SHIS explica a administradora — não assume o fato de morar na Ceilândia, como se residir aqui fosse, para eles um pesado ónus social, o que os faz ficar sempre à parte dos nossos movimentos, que tem como ponto básico a participação conjunta da comunidade — Governo na solução dos nossos problemas.

Para a administradora, esse método de levar a comunidade a participar da solução dos seus problemas assegura um maior sucesso na programação de trabalho, citando ela como exemplo a Feira da Ceilândia, construída pelos próprios moradores e onde não se tem até o momento nenhuma telha quebrada. No entanto, lembrou Maria de Lourdes que os abrigos de ônibus, construídos pelo GDF em fibra de vidro, não teve a aprovação da comunidade que em achando fraco demais resolveu fazer um teste e o resultado foi que em duas semanas não existia nada mais.

ASPIRAÇÕES

— O povo sabe o que quer — diz a administradora da Ceilândia — e por isso não acredito em nenhum programa de trabalho feito de cima para baixo.

Segundo Abadia Bastos, é preciso, em primeiro lugar, consultar a comunidade diretamente atingida

por esses programas, se atender para os seus valores, as suas crenças e a sua cultura. Ressalta ela que a desatenção para esses princípios levanta situações desagradáveis, como a que vem enfrentando

nos conjuntos habitacionais da SHIS.

Explica Maria de Lourdes que nessas casas da

SHIS foram construídos o banheiro com porta para a sala de estar, o que leva as famílias a se envergo-

nharem de receber uma visita, “pois com tantos filhos é muito difícil se conseguir um banheiro limpo, além do mais as nossas crianças estão sempre com diarréia decorrente do alto índice de verminose”. Lembra ela, ainda, que o forte mau cheiro que espalha pela sala faz com que nem as crianças desses conjuntos habitacionais consigam permanecer dentro de casa, pois além de serem expurgadas pelo minúsculo tamanho de suas residências, as condições higiênicas em que vivem em nada favorecem a sua permanência no ambiente.

— Recebemos aqui vários abaixo-assinados pedindo a retirada do banheiro da sala e encaminhamos o problema aos arquitetos da SHIS para que eles se atentem mais para os valores de uma comunidade.

Salienta a administradora, que os seus próprios arquitetos se encarregaram de elaborar uma planta autorizando a mudança do banheiro para os fundos da casa, “e em duas semanas soltamos gratuitamente mais de três mil plantas com essas alterações”.

SITUAÇÕES

Por outro lado, frisa Maria de Lourdes que quando a comunidade recebe aquilo que está dentro das suas aspirações tem ela outra forma de tratamento para essas benfeitorias, deixando o governo de ter dissabores ou, em outro caso, de gastar quantias fabulosas na manutenção ou recuperação de equipamentos destinados a servir a uma população.

Quanto a esse fato — frisou — temos na Ceilândia os mais bem conservados orelhões de Brasília, de acordo com declarações do próprio presidente da Telebrasília, pois além da população ter recebido algo de que necessitava foi desenvolvido todo um trabalho para que ela participasse da instalação dos orelhões, definindo os locais mais adequados, etc.

Diz Abadia Bastos ser necessário ouvir a população em relação aos seus anseios e aspirações, para que elas sejam realmente atendidas naquilo de que precisam.

— Esse aspecto — explicou — foi por nós considerado quando da remoção das invasões para a Ceilândia, pois de uma pesquisa feita com a comunidade nas suas favelas de origem, foi detectado que dentre as suas aspirações estava em primeiro lugar o lote, em segundo, Escola para os filhos, pois os pais diziam que queriam para os seus dependentes uma vida melhor que as deles. Em terceiro lugar — continuou — pediam eles, Transporte de massa, em quarto, água, em quinto, Luz e em sexto uma Moradia definitiva.

FALHAS

“Os primeiros prédios construídos no cerrado da Ceilândia foram as escolas, consideradas pela secretaria de Educação como as mais bem conservadas da rede”, disse a administradora, argumentando, contudo, que a água realmente falhou, pois a comunidade Ceilândense passou cinco anos sem água.

A iluminação pública e os transportes coletivos, segundo adiantou Maria de Lourdes, são setores que vêm recebendo grandes investimentos do GDF.

Quanto aos possíveis “furos” das teorias sociais que nortearam o trabalho de remoção das invasões que deram origem à Ceilândia, explicou Maria de Lourdes que muitas dessas teorias não funcionaram naquelas cidades-satélite, dentre elas a visão puramente técnica de que o baixo meretrício que tinha lugar em algumas favelas não deveria receber um setor próprio na Ceilândia, e sim se espalhar por entre as famílias para que essas tivessem influência positiva entre as prostitutas, “moralizando-as”.

Ocorreu exatamente o contrário — disse a administradora da Ceilândia, pois o ambiente “carregado” instalado entre as famílias acabou produzindo muitas delas, e muitas de nossas quadras residenciais ainda hoje convivem com o caos.

Para Maria de Lourdes, esse foi um dos fatos

ocorridos na Ceilândia que demonstram que a melhor

pela comunidade diretamente atingida poderia ter sido

que esse que essa comunidade também poderia ter sido

ouvida para que essas teorias mirabolantes sejam

levadas à prática com grande sucesso.